

MOSTRA NEOCONCRETA

A exposição dos neoconcretos, aberta ao público no Museu de Arte Moderna, no Ibirapuera, constitui-se das seguintes obras: Projeto de Cães de Caça, maquete de um jardim-labirinto, que consta de cinco composições de Hélio Oiticica, envolvendo a maquete do poema enterrado, de Ferreira Gullar e a maquete do teatro integral, de Reinaldo Jardim. Ainda de Hélio Oiticica, serão expostos Não-objetos pendurados.

De Lígia Clark: a) Bichos; b) Casulos (estes pertencem a uma etapa anterior aos Bichos, quando estas últimas invenções começam a saltar da parede).

De Willys de Castro, Objetos Ativos na Parede e no Chão.

De Aluisio Carvão, pinturas da fase Cromática.

De Lígia Pape O Livro da Criação, e de Hércules Barsotti pinturas em que o problema do espaço atinge o limite de ambivalência, parecendo deslocar a superfície mesma do quadro.

Compreenderá a parte da exposição de Poesia Neoconcreta, de Poesia Não-Objeto, de Ferreira Gullar; de Escultura Não-Objeto, de Amílcar de Castro; de Poesia Não-Objeto, de Osmar Dillon; de Poesia Neoconcreta, de Roberto Pontual, e de Poesia Eletrônica, de Albertus Marques. A exposição encerra-se no dia 15.

WIL-3/75

BELAS ARTES

MOSTRA NEOCONCRETA

A exposição dos neoconcretos, aberta ao público no Museu de Arte Moderna, no Ibirapuera, constitui-se das seguintes obras: "Projeto de Cães de Caça", maquete de um jardim-labirinto, que consta de cinco composições de Hélio Oiticica, envolvendo a maquete de "poema enterrado", de Ferreira Gullar e a maquete do "teatro integral" de Reinaldo Jardim. Ainda de Hélio Oiticica, serão expostos "Não objetos pendurados".

De Lígia Clark: a) Bichos; b) Casulos (estes pertencem a uma etapa anterior aos "Bichos", quando estas últimas invenções começam a saltar da parede).

De Willys de Castro, "Objetos ativos na parede e no chão".

De Aluisio Carvão, pinturas de fase "Cromática".

De Lígia Pape "O livro de criação" e de Hércules Barsotti, pinturas em que o problema do espaço atinge o limite de ambivalência, parecendo deslocar a superfície mesma do quadro.

Compreenderá a parte da exposição de Poesia Neoconcreta de "Poesia não objeto", de Ferreira Gullar; de "Escultura não objeto", de Amílcar de Castro; de "Poesia não objeto", de Osmar Dillon; de "Poesia Neoconcreta", de Roberto Pontual, e de "Poesia Eletrônica", de Albertus Marques.

WIL-3/76

FOLHA DA MANHÃ
SÃO PAULO

10 MAI 1961

ARTES PLASTICAS

Jose GERALDO VIEIRA

EXPOSIÇÃO NEOCONCRETA

1. — ALUISIO CARVAO — Entre os expo-
sitores neoconcretistas no Museu de Arte Mo-
derna de São Paulo, destaca-se hoje Aluisio Carvão
cuja obra me parece mais acessível para, aos pou-
cos familiarizarmos-nos com o grupo.

Uma crítica à sua arte seria superflua após
a apresentação de Mario Pedrosa para a mostra
de janeiro-fevereiro deste ano no Rio: conquanto
seja um estudo difícil, é o mais exato. Vou li-
mitar-me, portanto, a algumas considerações so-
bre as características fundamentais da série cro-
mática (8 pequenas telas) enviada por Aluisio
para este certame. Sua presente fase é de modo
essencial uma luta vitoriosa pela intensificação
da cor. Diante da tela «Pequeno Sol» temos a
compreensão absoluta desse problema cromático
que foi a paixão de tantos pintores, verdadeiros
pioneiros de encaixe na órbita solar, como por
exemplo: primeiro, Monet, transformando a fa-
chada da catedral de Ruão num incêndio de
fulgores; em seguida, os «fauves», expressionis-

tas da luminosidade; mais tarde, Robert De-
launay e Sonia, sua esposa, às voltas com as fo-
tosferas do sol mesmo. Recentemente, De Stael,
com as cores absolutas; e, no Brasil, Volpi (a
tal respeito tão bem estudado por Spanning) e
Aluisio Carvão (tão bem analisado por Pedrosa).
Por exercício dialético se poderia esperar que
Aluisio, devido ao sobrenome Carvão, optasse
pela antícor, pela treva, como no caso de Sou-
lages; ou que, complexado pelo sobrenome, es-
tivesse escolhido a modulação paroxística da lu-
minosidade. Tanto ele como Delaunay têm telas
designadas «O Sol».

E o tratamento que o pintor deu a esse te-
ma-pretexo está bem explicado na crítica de
Mario Pedrosa: «A plástica dos contrastes ces-
sou, porque a lei interior é, agora, mais forte
do que a lei dos complementares. Trata-se de
insistente afirmação monocórdica que quer uni-
versalizar-se, saindo de si mesma, para voltar a
si mesma, como um argumento lógico circular.»

WIL-3/78